



Revista Pai Inácio de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana
Campus Avançado da Chapada Diamantina

Contos

NUNCA MAIS VI IRENE

©STÊNIO ERSON DOS SANTOS (SEABRA-BA)

Não reconheci Irene naquele dia.
Ela me beijou tão ardente... Indecente... Antes de dizer:
– Bom dia!

Depois me levou para um elevado morro: o mais alto daquela Chapada fria. E sem me deixar pronunciar um si... Beijou-me novamente... Estonteantemente...

A cachoeira era majestosa! De tão alta, aquele líquido transparente se transformava em fumaça, uma poeira de água que sempre retornava e nunca descia.

Despiu-se devagar... Pausadamente... Um ensaio! Sua quase nudez era tão esplêndida! Como uma obra de arte numa moldura, meus olhos avistavam unicamente o afetuoso corpo de Irene e a paisagem verde e infinita, em segundo plano. Uma fotografia!

Quando pensei em falar algo, silenciou-me, beijando-me vagorosamente. Ainda mais excessiva. Parecia querer sentir cada detalhe, cada som, cada cheiro, cada cor, cada respiração.

Então... Ela ficou de costas e deixou cair o manto. Suas nádegas me olharam sorrindo. Afastou-se nua... Nuazinha. Depois... Mergulhou no abismo e eu nunca mais a vi.

O SERVIDOR

©STÊNIO ERSON DOS SANTOS (SEABRA-BA)

O lugar onde Jairo trabalhava não era nada moderno. Uma mesa de ferro com um computador caixa branca, impressora de cartucho duplo, uma cadeira de rodinhas faltando uma delas, fazendo o servidor, vez por outra, receber um solavanco automático em direção á mesa. No teto, uma lâmpada fosforescente, um ventilador que nunca girava, mesmo em dias de muito calor. Na parede, fios expostos para todos os lados. No chão, nenhuma cerâmica. No rosto de Jairo, uma vontade enorme de acabar sua lida diária e rotineira.

Estava sentado e cabisbaixo quando Jairo chegou. Um negro robusto, cabeça raspada a revelar alguns fios curtos e brancos que indicava a proximidade da aposentadoria, barriga avantajada onde sustentava vez por outra uma prancheta de anotações, sapato All Star, lábio roxo de nicotina, olhos por cima dos óculos.

– Quem é o próximo? Disse o servidor exalando misturado com as palavras, o cheiro forte de nicotina.

Levantei receoso, porém ciente com minha memória que era o primeiro daquela fila descontínua e desconexa.



Sentei-me diante do servidor e antes de dizer o que desejava, Jairo foi logo me falando.

– Precisa providenciar xerox de RG, CPF e comprovante de residência.

Sem ainda expressar o que desejava, entreguei o documento da moto para Jairo que, após observar muito rapidamente, checkou em sua poderosa e magnífica máquina.

– Tem uma multa de 120 reais. Retire o sinal público, reconheça firma, trague a xerox dos documentos que lhe pedi e não se esqueça de pagar o IPVA.

Levantei assustado e sem falar um “si”, me retirei.

Na semana seguinte, retornei bem cedo para evitar irritar o senhor Jairo com a enormidade da fila da semana anterior. Apesar de cedo o sol já se apresentava tornando ainda mais doloroso a ação de permanecer na fila que nessa hora, já dobrava o quarteirão. Porém, ao desviar meu olhar para a ponte, avistei senhor Jairo subindo exaustivamente a ladeira íngreme.

Ele vinha montado numa bicicleta Monarck vermelha que ele havia acabado de comprar, tinha para-lamas personalizados, retrovisor adaptado, farol para se andar à noite, bolsinha pochete no círculo do quadro para se guardar trecos, limpa-raio coloridos e, para cumprimentar as pessoas mais íntimas, uma buzina de padeiro que gritava mais do que pavão solitário.

O primeiro da fila era exatamente o dono da Hilux estacionada no pátio. Apesar da nítida superioridade financeira o dono do carro demonstrava-se completamente submisso e dependente do senhor Jairo. À medida que minha vez se aproximava, meu coração acelerava com o medo de ter alguma documentação errada. Porém, em relação ao dono da Hilux, resolveu tudo com muita rapidez e êxito, apesar de já ser a terceira tentativa de transferir a caminhonete.

– Quem é o próximo da fila? Perguntou Jairo. Sabia que era eu o próximo da fila, mas num relance fiquei em indecisão com outro cidadão que se levantou apressadamente para ir ao sanitário.

– Bora gente! Tenho muita coisa para fazer, disse Jairo.

Levantei com um princípio de medo, entreguei toda a papelada requisitada por Jairo, ele observou e conferiu tudo sem nem olhar em momento algum para o meu rosto apreensivo.

– Tem outra multa.

Disse tudo num impulso mecânico e sem levantar o olhar por cima dos óculos.

– Novamente, disse tentando estabelecer um diálogo.

– Agora é por causa do atraso de transferência do DUT, o valor são 120 reais. Receberá em casa e deve pagar no banco ou em qualquer lotérica.

Disse isso quase que sem exercitar o cérebro.

– Pague mais essa conta de 595,50, solicite a tarjeta e volte depois, falou isso me entregando os papeis e levantando o olhar sobre os óculos.

Sai daquela sala, indignado e vazio. Nunca havia me deparado com tanta falta de afetividade e frieza. Afinal, parecia estar-me comunicando o tempo todo com uma máquina e não com uma pessoa. Não era possível! Deveria existir dentro daquele homem enorme, algum sentimento de compaixão que pudesse, pelo menos, amenizar meu problema e me impedir de vir mais vezes nessa cidade chata e cinzenta.

Por birra, esperei um mês para retornar. Queria fazer com que Jairo sentisse saudades de mim, ou pelo menos minha falta, enfim, se sensibilizasse com minha situação. Porém, antes de chegar ao fim do mês, havia me deparado com Jairo numa ação cotidiana. Pela primeira vez o vi como homem comum. O avistei bem cedo indo para o trabalho. Quase não o reconheci. Eu havia chegado cedo a cidade cinzenta para levar meu filho a uma clínica particular, o atendimento era por ordem de chegada.

Ao descer do meu Santana com meu filho no colo, avistei Jairo que, parecia esperar alguém. Ouvi a atendente dizer.

– Senhor, eu não posso fazer a ficha de seu filho, sem o documento. Aqui é por ordem de chegada. Eu o oriento ir buscar esse documento o quanto antes. Disse a atendente a Jairo.

Jairo saiu com tanta pressa que nem falou comigo, talvez não me reconheceu. Entrou no carro que, parecia ser seu, era um fusca com aproximadamente 20 anos de uso, porém parecia muito conservado, talvez Jairo gostasse de relíquias e havia preferido comprar um carro com estilo próprio e mais barato. Enfim, ele havia comprado o seu carro. Agora pagaria IPVA, faria vistoria e entenderia como é chato mexer com documento e carro. Nunca mais a bicicleta, no entanto, pagaria 2 reais por dia ao governo se quisesse mesmo usar sua máquina.

Porém, ao ligar o carro sua pressa diminuiu, saiu devagar, quase parando e foi buscar o documento da criança.

Senha 12! Gritou uma voz mecanizada. Era a minha. Entrei com minha esposa e meu filho para cadastro e ficamos a aguardar pelo atendimento.

Nesse mesmo dia encontrei Jairo novamente, agora na Caixa Econômica. Certamente estava em horário de almoço. Percebi pela agonia e a cara de fome que ele fazia a cada coçar de cabeça do cliente que comandava a máquina à sua frente, emperrando o andamento da fila. Isso até perceber que seu ex-colega de profissão também estava a sua frente na fila, discutindo com o gerente que atuava despreocupadamente atrás do vidro dentro da agência.

– Qual é rapaz! Eu tenho dinheiro aqui! Ficam aqueles urubus de capa preta roubando o povo pobre e agora para sacar um dinheiro que é meu, eu preciso pegar fila. Ai gerente, fica ai todo engomado nessa roupa. Inoperante. Esse gerente não está nem ai para vocês. Disse se referindo a todos da fila.

– Eu tenho dinheiro ai! Sou cliente aqui há mais de 20 anos!

Jairo morria de vergonha e se escondia para não ser visto. Seu ex-colega era o próximo da fila e, ao ficar de frente para a máquina começou a provocar e a brigar com ela.

– Escute aqui eu tenho dinheiro ai tá ouvindo? Tá ouvindo? Quando eu falar que é mil é porque é mil! Quando eu falar que é mil é porque é mil! Quando eu falar que é mil é porque é mil!

Começou o procedimento rebolando e cantarolando uma canção de Pinduca, além de falar alto e no ritmo do carimbo as letras solicitadas pela máquina.

– Mova cu. Isso! Quando eu falar que é mil é porque é mil!

Retirou 20 reais da máquina e antes de sair, percebeu Jairo.

– Jairão do Detran!!! Faz um monte de documento de carro e ainda anda de bicicleta Monarck.

Jairo se enterrou no blusão, enquanto o cidadão sai provocando.

– Pegar fila para pegar um dinheiro que é meu! Vocês conhecem meu tio Abi? Perguntou a todos da fila. Alguns o respondeu negativamente com um balançar de a cabeça.

– Agora imagine ele, surdo! Todos ficaram em silêncio. Isso é um Ab-sur-do rapaz! Roubalheira!

* * *

Antes de procurar novamente por Jairo deveria esperar ainda por um feriado prolongado. O procuraria na terça e, certamente resolveria todos os meus problemas em relação a legalização de meu veículo.

Havia ido curtir meu feriadão no rio Branco, com belas cachoeiras e uma água muito clara. Eu e minha família ficaríamos lá até o domingo. Foi tudo maravilhoso. No retorno fui parado por policiais federais que me requisitou a documentação do carro, apresentei receoso e fui advertido do atraso como se a culpa fosse minha. Por fim, fui liberado e segui para casa.

Dias depois, após arrumar dinheiro e tempo para pagar minha dívida com o governo, retornei ao local de trabalho do senhor Jairo.

Os companheiros de fila comentavam sobre um grave acidente que aconteceu na madrugada de segunda. Ouvi apenas o final da conversa.

– Cinco mortos. Nenhum sobrevivente.

Um fusca havia sido esmagado por uma carreta nas curvas da Chapada Diamantina. Muito burburinho para algo comum: apenas mais um acidente que acontecia nas curvas tortuosas das serras da Chapada.

Então, percebi a fila se desfazer e uma confusão contida iniciar. Os serviços realizados por Jairo estavam suspensos. Na porta da sala do servidor a palavra LUTO, esclarecia tudo.

STÊNIO ERSON DOS SANTOS



Data de nascimento: 28 de maio de 1983

Naturalidade: Salvador-BA

Residência: Seabra-BA

Formação: Pedagogia e Letras pela Universidade do Estado da Bahia; Especialista em “Educação, linguagens e Sociedade” e em “Gestão Educacional em Língua Portuguesa”.

Atuação profissional: Professor municipal da cidade de Mulungu do Morro, na Bahia. Orientador Socioeducativo na cidade de Seabra.

Experiências literárias e artísticas: Fundador, em 2003, do Grupo Cultural Lamparinas do Sertão, atua como ator, diretor e escritor de espetáculos teatrais, desenvolve trabalhos de arte e educação.

Premiado no Concurso Nacional de Novos Poetas da editora Vivara (2017), pretende publicar uma peça teatral e uma coletânea de contos.